

A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARQUITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Colaborada por architectos e escritores de arte portuguesa

ANNO VI — N.º 9

|| SETEMBRO DE 1913

SUMARIO

Chalet «Tertuliano», Em S. João do Estoril.
Projecto do chalet—Tertuliano de L. Marques.
Arquitectura dinamarquesa.
Intercalares XVII e XVIII do projecto.

ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Trimestre	5000	Para os paizes da união postal	
Semestre	10000	Anno	60000
Anno	30000	Annuncios pela tabella con-	
Avulso	5400	forme o espaço	

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

*** RUA PALMIRA 58, 2.º ***

*** LISBOA ***

TYPOGRAPHIA CESAR PILOTO

11 — LARGO DE S. ROQUE — 12

*** LISBOA ***

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de arquitectura pratica

Editor, Director e Proprietario — Nunes Colares

Secretario da Redacção — Mario Colares

Composto e impresso na Tip. CESAR PILOTO — 11, Largo de S. Roque, 12

Fotografias de Mananças — Gravuras de P. Marinho

PORTUGUEZA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PALMIRA, 58, 2.º — LISBOA

CHALET "TERTULIANO,"

Em S. João do Estoril

Arquitecto: Sr. Tertuliano de L. Marques

Com o bello tempo que está ao traçarmos estas linhas, lembra-nos o bello dia que passámos em S. João do Estoril, quando fomos para vêr a linda casinha que ali possui o nosso bom amigo e distincto architecto, sr. Tertuliano de Lacerda Marques.

Foi ainda ha poucos dias. Em Lisboa estava o ar um pouco agreste e por isso fomos abafado em forte sobretudo, não apanhassemos por lá alguma pneumonia! Puro engano!

A temperatura sob aquelle lindo ceu de anil era o mais suave que é possível. Sentimo-nos bem naquella atmosfera temperada, naquêlê ambiente que nos insuflava nova vida, com o Oceano a perder-se de vista no horisonte.

Se fôsse possível ter inveja de quem ao fim de uns poucos de anos de trabalhar a projétar e construir casas para os outros, consegui, sabe Deus á custa de quantas canceiras e sacrificios, arranjar tambem um pequeno 'albergue para si, teríamos inveja do nosso amigo Tertuliano, tão bom quanto modesto e que conseguiu obter o que é a ambição de muitos: ter uma *concha* em que se abrigue.

Elle foi-a arranjar um pouco longe de Lisboa, mas os rapidos de Cascaes fazem o trajeto em 25 minutos e por consequencia as distancias encurtam-se com os transportes rapidos.

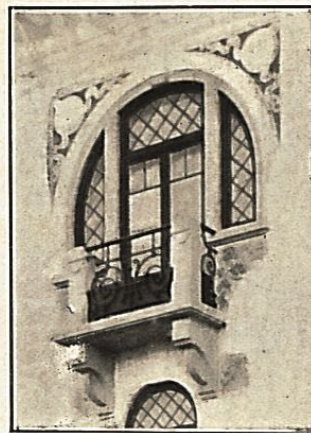
Em compensação tem um bello passeio, tem um ar oxigenado como não encontra em Lisboa, anda mais á sua vontade, do que acotovelando-se nas ruas da capital, onde poucos sabem andar e os que sabem, raros o querem, e tanto que tendo-se estabelecido umas placas nos candieiros das ruas principaes, indicando a conveniência de *seguir pela esquerda*, toda a gente, parece que de proposito, *segue pela direita*, e muitos fazem dos passeios salões de conversação, obrigando os seus semelhantes a irem pelo meio da rua.

Ao menos fóra de Lisboa, nos Estoris, está-se á vontade. Não diremos, como noutro tempo, *que se vive mais barato*, porque isso é uma lenda, mas, vive-se melhor, isto é, com mais saude, com o espirito mais tranquilo, mais *desanuviado*, pois que a natureza exuberante, como se manifesta no campo, á borda do mar, é de um encanto tal, que faz esquecer muitas agruras da vida.

Não vá o que dizemos fazer supôr a alguém que o nosso amigo Tertuliano, leva a vida num *dulce far niente*, de chapéu de Panamá, sentado em cadeira de verga, á porta do seu chalet, a lêr os jornaes e nos intervalos, a apanhar môscas. Não, senhores. Elle é ainda um homem ativo e o que quer é trabalhar, e não só por gosto, pois que o possuir um chalet, não representa ter feito fortuna na California.

E o que é facto é que tendo-nos sido pedido um *artigo* sobre a casa do nosso amigo Tertuliano, nós que desta rege-doria pouco ou nada percebemos, estamos a diser cousas de tudo, do ar embalsamado, das belezas do Oceano, do bello tempo primaviril, em novembro, mas, cousa alguma do assunto para que nos convidaram!

Tambem para que nos meteram nesta camisa de onze varas!! Era bem feito que impingisse-mos aqui, aos leitores desta



Detalhe da fachada principal

revista, uns versos de pé quebrado, que fizemos sentado em uma rocha, á beira Oceano, quando fomos vêr o chalet «Tertuliano.»

Começa assim:

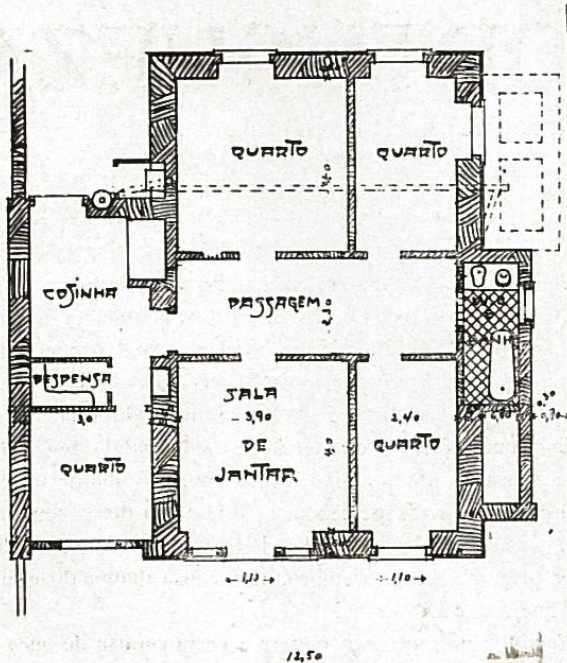
As ondas que as rochas beijam...

Mas, não se assustem, que não vae mais. Estas locubrações poeticas já estão destinadas ao *Cancioneiro Furioso*, publicação que em breve vae vêr a luz da publicidade.

Voltando, porém, ao chalet «Tertuliano»... não sei o que havemos de dizer...

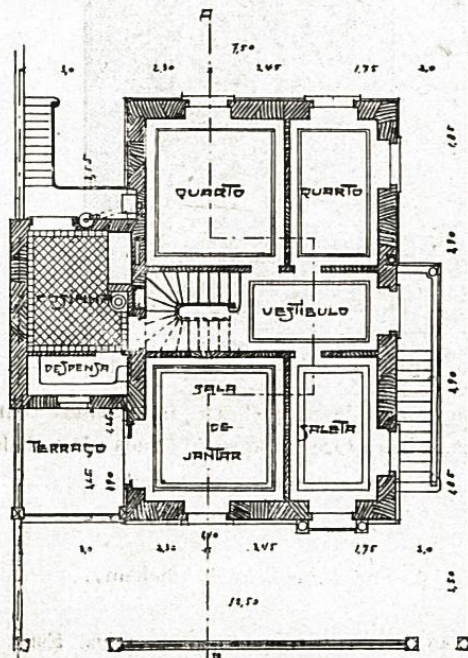
O que é certo é que apesar da sua economia e do pouco dinheiro gasto com a construção, o nosso amigo Tertuliano

fez uma casinha com arte, muito agradável á vista e tendo interiormente todas as condições higienicas e de conforto, que poucas casas que custaram fabulosas quantias não possuem.



12,50
Planta do rez-do-chão

Este chalet, tem um pouco da estilisação tradicionalista, da *casa portuguesa*, se é que existe, como se diz, a casa deste tipo genuinamente nacional, como afirma o nosso amigo



12,50
Planta do 1.º andar

e brilhante escritor, sr. general Henrique das Neves, que sobre o assunto proficientemente tem escrito em diferentes publicações e tambem nesta, que o conta no numero dos seus mais inteligentes colaboradores.

A linda casinha do nosso amigo Tertuliano, está muito bem dividida, como os nossos leitores poderão verificar pelas plantas, embora na execução a do rez do chão fosse um pouco alterada, pois que, primitivamente, tinha sido disposto para cave. O que hoje é primeiro andar, estava disposto para rez do chão, e o que é segundo andar, era o primeiro.

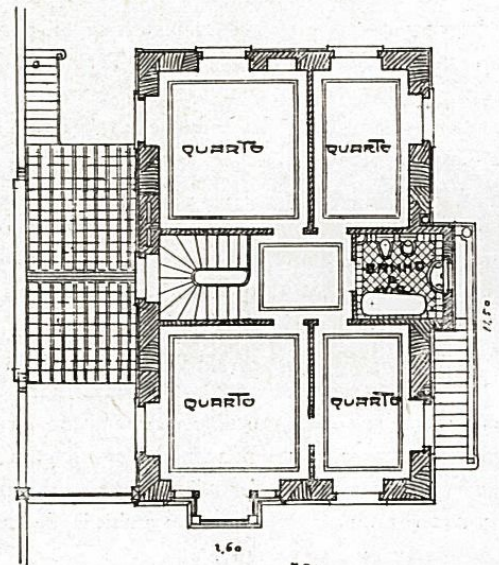
No rez do chão actual existe a saleta, a sala de jantar, quartos de dormir, cosinha, dispensa, quarto de banho e W. C.

No primeiro andar, o vestibulo, saleta, sala de jantar, quartos de dormir, cosinha e dispensa.

No segundo andar, que pertence ao primeiro, havendo escada interior de comunicação, existem mais quartos de dormir, de engomar, uma grande casa de banho e W. C.

A entrada para o rez do chão é pela fachada principal.

A entrada para os andares superiores é feita exterior, pra-



11,00
7,50
Planta do 2.º andar

ticada na fachada lateral, lado sul, conforme se vê nas gravuras e na planta do primeiro andar.

Ao rez do chão, pertence, um jardinsinho á frente da casa e na parte posterior um pequeno bocado de terreno.

Ao primeiro andar, pertence o jardim do lado posterior da casa, que está muito bem aproveitado.

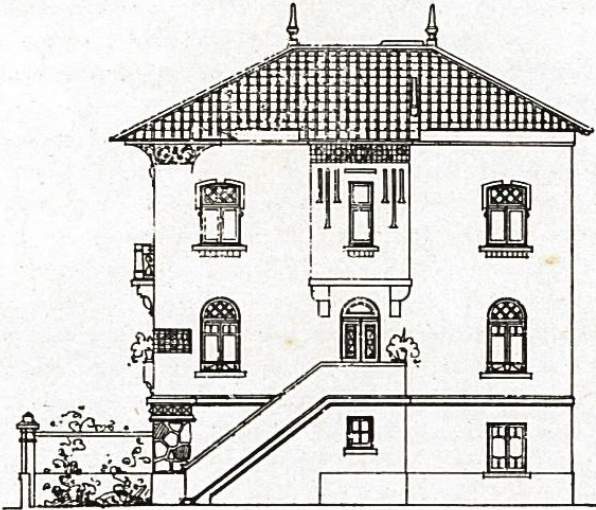
E', como se vê, uma casa pequena, mas elegante e onde foram estudados todos os meios de a tornar uma vivenda agradável no exterior e interior, tendo em atenção o seu custo que não deve ter ido além de quatro mil e quinhentos escudos.

Pena é que os nossos Estoris estejam em regra vandalisados por casas que aparentam caixotes e que, no dizer de um nosso distincto construtor, se lhes pozessem cruzes eram ermidas e se lhes pozessem ganchos, seriam palheiros.

Efectivamente, é uma lastima vêr quão mal se aproveitou, na sua quasi totalidade, aquelle bello rincão de terreno que vae de Parede até Cascaes!

Não houve metodo nem gosto, salvo honrosas excécções, mas muito poucas, diga-se em abono da verdade.

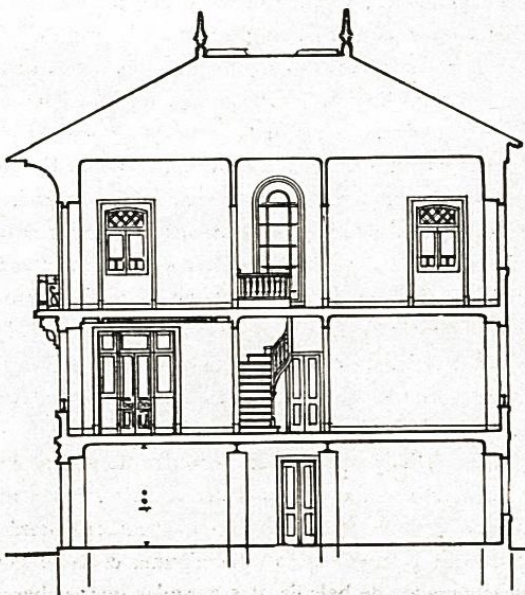
O terreno não era caro e, comtudo, fez-se com tal avareza nessas lindas povoações, a planta dos arruamentos, se é que



Fachada lateral sul

houve planta, que na sua quasi totalidade um carro qualquer não pôde voltar na mesma rua nem passarem dois a par ou em sentido inverso, repetindo-se assim no fim do seculo XIX e principio do seculo XX, o que se fez em Lisboa ha uns poucos de seculos, com ainda se vê nos bairros Alto, de Alfama e da Mouraria!

Por esta fôrma, não se poderam arborisar as ruas, o que



Côrte A B

não é de somenos importancia, não diremos para a higiene, porque ali, apesar de todas as barbaridades que lhe tenham feito, não pôde ser estragada, mas sob o ponto de vista da comodidade do transeunte, pois que na época estival, o sol

aperta, que parece queimar, não havendo um pouco de sombra para amenisar e atenuar os seus efeitos.

Mas, o mal que está feito já não tem remedio, ou este seria demasiado inergico, como arrazar tudo aquillo e fazer novos arruamentos e praças, que bem o merecia tal ponto da terra, que poucos se lhe poderão encontrar iguaes no mundo!

E, se o passado servisse de emenda para o futuro, ainda seria uma atenuante, mas não. O terreno que ainda ha para construir vae sendo ocupado com casaria em vielas estreitissimas, como se ali o terreno custasse, como em Now York e Chicago, milhares de dollars, a ponto de que para o aproveitarem se construirẽm os celebres *raspa-ceus* ou *raspa-nuvens*,



Prespectiva da fachada posterior e lateral norte

edificios com quarenta e oito andares, que pareceria um conto das mil e umas noites, se não houvessem provas evidentes de que taes construcções não são apenas a fantasia de uma imaginação esquentada.

E, o que é facto é que por causa do chalet «Tertuliano», já estamos nos Esiados-Unidos da America (U. S. A.) e não tardaria que saltassemos no Mexico, onde os construtores terão muito que fazer se aquele pais voltar a ter socego, o que parece impossivel, pois que aos incendios que as partes contrarias, vão lançando dia a dia a todas as cidades e vilas dentro em pouco aquele rico pais, digno de melhor sorte, será um montão de ruinas.

Voltando, porém, aos Estoris, parece não ter havido em tempo na Camara Municipal de Cascaes quem olhasse com algum amor para aquele pedaço do concelho, ou então a ganancia dos proprietarios foi tal que se impoz á boa vontade

dos edis. E' possível, porém, que o mal partisse das duas entidades, dando o conjunto de esforços retrogrados o bello resultado que se está vendo, isto é, que algumas lindas vivendas que por lá se enxergam, aqui e ali, não produzem o efeito que da sua construção seria licito esperar, por estarem quasi acavaladas umas em cima das outras, quando se estivessem em ruas largas, rodeadas de jardins, o efeito seria surpreendente.

O mau exemplo, logo de principio, é que abriu a porta para os subseqüentes vandalismos dia a dia praticados e que, já agora, parece nos que não terão fim.

*

E' claro que, embora relativamente modesta a sua casinha, como artista que é, na mais lacta acção da palavra, o nosso amigo Tertuliano, havia de ir buscar bons artistas para o coadjuvarem.

Assim, os azulejos de toda a propriedade foram pintados pelo artista Bemvindo Ceia já bastante conhecido dos nossos leitores pelas ameudadas e justas referencias que aqui lhe teem sido feitas.

Os trabalhos de serralharia foram executados nas officinas do conceituado artista, Vicente Joaquim Esteves, que, na sua especialidade é um dos primeiros.

A construção ficou a cargo do habilissimo artista que é sem contestação alguma, Sebastião de Deus Bragança, um novo com talento, bom gosto, e honestidade, o que não é de somenos importancia em quem dirige uma construção, pois dessa boa qualidade depende em grande parte, a boa ou má conclusão da obra.

Mas, o sr. Bragança não só é um habil construtor. Tambem tem projétado algumas lindas vivendas com bastante gosto de que já vimos os desenhos de uma em Cintra, outra no Estoril e agora, a ultima na Amadora, que é uma pequena casinha, airosa, elegante e... economica, pois custou a construção, aproveitando-se a pedra para alvenaria e o saibro do local, em, aproximadamente mil e quinhentos escudos ou seja um conto e quinhentos mil réis.

Se nos estendemos mais na resenha dos artistas que colaboraram com o *grande proprietario* Tertuliano, é porque sempre timbrámos em faser justiça a quem tem merito e gostamos de auxiliar, na medida das nossas forças, todos os que trabalham com consciencia, fazendo progredir as artes a que se dedicaram, não tendo só em mira o lucro venal.

Almeida Ribeiro



Arquitectura dinamarquesa

(Continuação)

Desconhecem as janelas de cunhal que vão desaparecendo dalguns velhos edificios provincianos. Nunca lhes falaram numas casas bem carateristicas de Vila Rial de Tras os Montes, nem souberam que em Montemor o Novo se encontra uma rua muito original com os embasamentos das suas

chaminés que tão bem marcam uma sistematização de estilo.

Vão pois para o estrangeiro sem conhecerem mais do que alguns poucos edificios da terra em que nasceram e na idade em que o espirito está aberto a todos os impulsos espontaneos, quando se não vincou ainda o *canon* da escola e de boa vontade até se caçoa deie, passam a ser cosmopolitas.

O resultado é que raras são as edificações urbanas construidas nestes últimos vinte anos em Lisboa e não poucas elas foram, capazes de orientar um estilo nacional em arquitectura.

Certo é que as palavras estilo arquitectónico nacional não querem significar, como imagina muita gente, uma coisa rara diferente do que se faz lá fóra. E' um erro lamentavel, porque os criticos de arte que assim pensam chegam a conclusões desanimadoras, como por exemplo: que a casa portuguesa não póde amoldar-se á arquitectura urbana, que não ha *casa portuguesa*, que se transformariam em sanzalas africanas as nossas cidades, quando buscassemos uma estilização nacional e outras belezas *ejusdem farinae* ou, para não fazer offensa á farinha, *ejusdem furfuris*.

A Dinamarca, como se vê, procurou no *Barocco* dos seculos XVII e XVIII e nos velhos edificios góticos a inspiração para os prédios que construiu na segunda metade do século passado e da combinação metódica desses elementos nacionais e nacionalizados saiu uma estilização arquitectónica *emancipada* como escreveu mui justificadamente o sr. Lorenzen.

Temos em combinações *ajourées* de tejos, em azulejos, em ornatos de janelas, em rotulas de balcões, em quartelas de escadarias, em arcadas de abóbadas motivos de arquitectura que só estão pedindo o artista que saiba aplica-los, estiliza-los, amolda-los, assim como se conta que dum cesto de flôres seguro por uma telha surgiu o capitel corintio.

Mas por outro lado, os nossos literatos nunca se demoraram a descrever habitações que se topam por todo esse país.

O mais espirituoso e o mais artista na pleiade de literatos do renascimento no seculo passado, Almeida Garrett faz girar todo um romance quasi que em torno duma janela e descreve-a em mui poucas linhas assim: «vê-se por entre um claro das arvores a janela meia aberta duma habitação antiga, mas não delapidada, com certo ar de conforto grosseiro e carregada na côr pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janela é larga e baixa; parece mais ornada e tambem mais antiga que o resto do edificio que todavia mal se vê...»

Talvez que haja o horror aristocrático do artista em empregar os termos técnicos do architecto, do pedreiro, mas se tal fizessem os que foram guias na orientação literária de Portugal, bem possível seria que alguma coisa se salvasse dos encachorrados de balcões, das gárgulas que encharcavam os transeuntes em dia de chuva, dos miradouros donde se espriava a vista pela charneca alentejana, dando a ilusão de se divisar a vastidão maritima lá nos confins do horisonte, dos eirados onde se secavam as frutas algarvias.

(Continúa).

Mello de Mattos.

CHALET “TERTULIANO”

EM S. JOÃO DO ESTORIL



Perspectiva das fachadas norte-poente

CHALET "TERTULIANO"

EM S. JOÃO DO ESTORIL



Perspectiva das fachadas sul-poente